

## O MAPA DO TEMPO



FÉLIX J. PALMA

# O mapa do tempo

TRADUÇÃO DE PAULINA WACHT E ARI ROITMAN



Copyright © 2008 Félix J. Palma

TÍTULO ORIGINAL  
El Mapa del Tiempo

CAPA  
Victor Burton

FOTO DE CAPA  
Luca di Filippo/Istockphoto

PREPARAÇÃO  
Julio Ludemir  
Letícia Feres

REVISÃO  
Umberto Figueiredo  
Antônio dos Prazeres

DIAGRAMAÇÃO  
Abreu's System

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NÁ-FONTE  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ  
P196m

Palma, Félix J., 1968-  
O mapa do tempo / Félix J. Palma; tradução Ari Roitman  
e Paulina Wacht. – Rio de Janeiro: Intrínseca, 2010.

472p.  
Tradução de: El mapa del tiempo  
ISBN 978-85-98078-91-5

1. Romance espanhol. I. Roitman, Ari. II. Wacht, Paulina.  
III. Título

10-1624.

CDD: 863  
CDU: 821.134.2-3

[2010]

*Todos os direitos desta edição reservados à*

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.  
Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar  
22451-041 – Gávea  
Rio de Janeiro – RJ  
Tel. / Fax.: (21) 3206-7400  
www.intrinseca.com.br

## SUMÁRIO

Primeira Parte	II
Segunda Parte	189
Terceira Parte	347



*Para Sonia, porque também há romances  
que nunca terminam.*



*“A distinção entre passado, presente e futuro é uma ilusão,  
mas se trata de uma ilusão muito persistente.”*

ALBERT EINSTEIN

*“A obra de arte mais perfeita e apavorante da humanidade  
é sua divisão do tempo.”*

ELIAS CANETTI

*“O que me espera na direção que não escolho?”*

JACK KEROUAC



## PRIMEIRA PARTE

*Avante, querido leitor,  
mergulhe nas apaixonantes páginas  
do nosso folhetim,  
onde encontrará aventuras  
com as quais não poderia nem sequer sonhar!*



Se como qualquer pessoa comum  
você acha que o tempo é uma corrente  
que arrasta rapidamente tudo o que nasce  
para a margem mais escura, descobrirá aqui  
que o passado pode ser trilhado de novo,  
que o homem pode voltar a pisar  
as próprias pegadas  
graças a uma máquina  
capaz de viajar no tempo.



**A emoção e o assombro  
estão garantidos.**



Andrew Harrington gostaria de poder morrer mais de uma vez para não ter de escolher só uma entre as muitas pistolas que seu pai guardava como tesouro nas cristaleiras da sala. As decisões nunca tinham sido seu forte. Na verdade, olhando à contraluz, sua existência se revelava como uma série de escolhas erradas, a última das quais ameaçava projetar uma longa sombra sobre seu futuro. Mas essa vida de desatinos, tão pouco exemplar, estava prestes a terminar. Desta vez achava que havia tomado a decisão certa, pois escolhera deixar de escolher. Não haveria mais erros no futuro, porque nem sequer haveria futuro. Ele iria dismantelá-lo agora, sem considerações, encostando uma daquelas armas na têmpora direita. Não parecia haver outra saída: aniquilar o futuro era a única forma ao seu alcance de exterminar o passado.

Estudou o conteúdo da cristaleira, o mortífero arsenal que seu pai fora adquirindo com carinho desde que voltara da frente de batalha. Ele adorava aquelas armas, mas Andrew suspeitava que não as colecionava movido pela nostalgia, mas sim pelo fascínio que sentia ao observar as diferentes alternativas que o homem concebeu ao longo dos anos para acabar com a vida de maneira não oficial. Com um desinteresse que contrastava com a devoção do pai, seus olhos percorreram aqueles utensílios de aparência dócil, quase doméstica, que traziam os trovões para a palma da mão e que haviam livrado as guerras da desagradável intimidade do corpo a corpo. Andrew tentou calcular que tipo de morte se escondia, como um animal de tocaia, dentro de cada um. Qual deles o pai lhe teria recomendado para estourar os miolos? Imaginou que as pistolas de chispa, aquelas velharias carregadas pelo bocal, introduzindo-se pólvora, munição e uma bucha de papel servindo de tampa cada vez

que se queria dar um tiro, proporcionariam uma morte nobre, mas também parcimoniosa, obstinada. Era preferível a morte impetuosa que os revólveres modernos ofereciam, aninhados em seus luxuosos estojos de madeira forrados de veludo. Considerou um Colt Single Action de aspecto prático e eficaz, mas deixou-o de lado quando lembrou que aquele era o revólver que vira Buffalo Bill usar em seu circo do Oeste Selvagem, um espetáculo patético em que simulava façanhas transoceânicas valendo-se de alguns índios importados e uma dúzia de búfalos apáticos que pareciam alimentados com ópio. Não queria enfrentar sua morte como uma aventura. Também descartou um belo Smith & Wesson, a arma que matara Jesse James, por não se considerar à altura do bandido, assim como um revólver Webley, concebido especialmente para deter os robustos indígenas nas guerras coloniais, que lhe pareceu excessivamente pesado. Examinou então um gracioso Pepperbox de tambor giratório, que era o preferido do pai, mas tinha sérias dúvidas de que aquela arma ridícula e afetada pudesse disparar uma bala com convicção suficiente. Finalmente, se decidiu por um elegante Colt de cabo de madrepérola, fabricado em 1870, que iria tirar-lhe a vida com a delicadeza de uma carícia de mulher.

Apanhou-o na cristaleira com um sorriso insolente, lembrando-se das vezes que o pai o proibira de tocar nas pistolas. Mas agora o ilustre William Harrington estava na Itália, provavelmente intimidando a Fontana di Trevi com o olhar invejoso. Era uma agradável coincidência que os pais tivessem viajado para a Europa na época que escolhera para seu suicídio. Duvidava que qualquer um dos dois conseguisse decifrar a verdadeira mensagem criptografada em seu gesto — que havia preferido morrer sozinho, como vivera —, mas lhe parecia suficiente imaginar a expressão de desgosto que o pai, sem dúvida, iria fazer ao descobrir que ele se matara traiçoeiramente, sem sua autorização.

Abriu o armário em que ficava a munição e introduziu seis balas no tambor do revólver. Achava que só iria precisar de uma, mas nunca se sabia o que podia acontecer. Afinal, era a primeira vez que se suicidava. Depois guardou-o num bolso da casaca, enrolado num pano, como se fosse uma fruta que pretendesse comer durante um passeio, e continuando seu repertório de desafios deixou a cristaleira aberta. Se houvesse demonstrado esta coragem antes, pensou, se tivesse se atrevido a enfrentar o pai no momento oportuno, ela ainda estaria viva. Mas quando o fez já era tarde demais. E estava havia oito longos

anos pagando por esse atraso. Oito longos anos em que a dor só havia aumentado, propagando-se dentro dele como uma hera maldita, envolvendo seus órgãos com o tato úmido, apodrecendo sua alma. Apesar dos esforços do primo Charles, apesar da distração proporcionada por outros corpos, a dor pela morte de Marie resistia em ser enterrada. Mas esta noite tudo acabaria. Vinte e seis anos era uma bela idade para morrer, pensou, e apalpou com satisfação o volume no bolso. Já tinha a arma. Agora só precisava de um lugar apropriado para a cerimônia. E só existia um lugar onde realizá-la.

Com o peso do revólver confortando-o no bolso como um talismã, desceu as magníficas escadarias da mansão Harrington, situada na luxuosa Kensington Gore, bem perto da entrada oeste do Hyde Park. Embora não pretendesse dar qualquer olhar de despedida para as paredes que haviam sido seu lar durante quase três décadas, não pôde evitar que um impulso mórbido o fizesse parar diante do retrato que ocupava o lugar mais importante do vestíbulo. Na moldura dourada, o pai olhou para ele com desaprovação. Altivo e majestoso, envergando pouco à vontade o velho uniforme de infantaria com que combatera na juventude, na Guerra da Crimeia, até que uma baioneta russa lhe dilacerasse a coxa e deixasse uma sequela que impunha certo balanço perturbador ao seu andar, William Harrington deitava um olhar cheio de censura zombeteira ao mundo, como se para ele o universo fosse uma obra malograda que dava por perdida havia muito tempo. Quem mandara cobrir com aquele véu de inoportuna neblina a batalha que ocorreu em frente à Sebastopol sitiada, de maneira que ninguém pudesse ver a ponta de sua baioneta? Quem havia decidido que uma mulher era a pessoa mais adequada para pastorear o destino da Inglaterra? Seria realmente o Leste o melhor lugar de onde o Sol podia surgir? Andrew não chegou a conhecer o pai sem essa agreste hostilidade brotando dos olhos, por isso não sabia se ele havia nascido assim ou se os ferozes turcos o tinham contagiado na Crimeia. Fosse como fosse, não desapareceu de seu rosto, como uma varíola passageira, embora o destino que se abria diante de suas botas de soldado sem futuro ao voltar da frente só pudesse ser qualificado de benévolo. Que importava percorrê-lo de bengala, se o trouxera até onde tinha chegado? Afinal, sem necessidade de fazer pacto com nenhum demônio, o homem de bigode espesso e linhas finamente marcadas que a pintura mostrava se transformara da noite para o dia em um dos cavalheiros mais ricos de Londres. Nem se atreveria a sonhar com tudo o que possuía agora quando perambulava de baioneta em riste naquela guerra re-

mota. Mas como o conseguira era um dos segredos mais bem-guardados da família; e, portanto, um mistério completo para Andrew.

E agora chega o momento enfadonho em que o jovem precisa decidir que chapéu e que casaco usar entre os que abarrotam o guarda-roupa do vestíbulo, porque até para morrer é preciso estar apresentável. É uma cena que, conhecendo Andrew, pode durar vários exasperantes minutos, e que acho desnecessário detalhar, de modo que aproveito a oportunidade para dar-lhes boas-vindas a esta história que acaba de começar e que, após uma longa reflexão, decidi começar por esse momento e não por outro; como se eu também tivesse que escolher um início entre os muitos que se amontoam no guarda-roupa das possibilidades. Provavelmente, quando eu acabar de contar esta história, se ainda continuarem aqui, alguns de vocês irão pensar que errei ao escolher o fio pelo qual começar a desenrolar o romance, pois teria sido mais acertado respeitar a ordem cronológica e iniciar pela história da senhorita Haggerty. Talvez, mas há histórias que não podem começar pelo princípio, e talvez esta seja uma delas.

Portanto, esqueçam por enquanto a senhorita Haggerty, esqueçam até que a mencionei, e continuemos com Andrew que, já adequadamente munido de casaco e chapéu, e também de luvas grossas para proteger as mãos dos rigores do inverno, acabou de sair da mansão. Uma vez do lado de fora, parou no início da escadaria que levava aos jardins, derramada aos seus pés como ondas de mármore. Dali, estudou o mundo onde havia crescido, repentinamente consciente de que, se tudo saísse bem, nunca mais voltaria a vê-lo. Agora caía a noite sobre a mansão Harrington com a lenta suavidade de um véu. A lua cheia, de um branco opaco, destacava-se no céu, derramando seu esplendor leitoso sobre os cuidadosos jardimzinhos que cercavam a casa, a maioria deles cheios de canteiros, sebes e, sobretudo, chafarizes, umas enormes bicas de pedra adornadas com pomposas esculturas de sereias, faunos e outros seres impossíveis. Havia dúzias de chafarizes, porque o pai, carecendo de um espírito refinado, não tinha outra maneira de mostrar seu poderio senão amontoando coisas luxuosas e inúteis. Embora, nesse caso, a desmesurada acumulação fosse perdoável, pois os chafarizes se aliavam para arrulhar à noite com uma espécie de canção de ninar líquida, que levava a fechar os olhos e esquecer tudo o que não fosse aquele borbulhar embriagante. Mais à frente, atrás de uma vasta extensão de grama perfeitamente aparada, elevava-se, graciosa como um cisne

levantando voo, a gigantesca estufa na qual sua mãe se encerrava a maior parte do dia, deixando-se hipnotizar pelas flores de sonho que surgiam das sementes trazidas das colônias.

Andrew observou a lua durante alguns minutos, perguntando-se se algum dia o homem poderia chegar até ali, como haviam escrito Júlio Verne ou Cyrano de Bergerac. O que encontraria se conseguisse chegar àquela superfície nacarada com um dirigível, um projétil cuspidor por um canhão ou amarrando no corpo uma dúzia de frascos cheios de orvalho para que este, ao evaporar, o elevasse até os céus, como tinha feito o protagonista da obra do espadachim gascão. O poeta Ariosto transformara o satélite num depósito de recipientes em que se conservava o juízo de quem o tinha perdido, mas a proposta de Plutarco, que imaginava a lua como o lugar para onde as almas nobres emigravam quando abandonavam o mundo dos vivos, o seduzia mais. Como ele, Andrew preferia pensar que os mortos tinham suas casas lá em cima. Gostava de imaginá-los vivendo em harmonia, em palácios de marfim construídos por um exército de anjos operários, ou em cavernas escavadas na rocha branca, esperando que os vivos obtivessem o salvo-conduto da morte e chegassem lá para retomar suas vidas com eles no ponto exato em que as haviam deixado. Às vezes pensava que numa daquelas cavernas vivia agora Marie, esquecida de tudo o que lhe acontecera e contente de que a morte lhe houvesse proporcionado uma existência melhor que a vida. Marie, bela entre a alvura, aguardando pacientemente que ele se decidisse de uma maldita vez a dar um tiro na cabeça e viesse ocupar o lado vazio de sua cama.

Parou de contemplar a lua quando viu que Harold, o cocheiro, já o esperava ao pé da escadaria, com uma das carruagens preparada, como lhe havia sido ordenado. Ao vê-lo descer os degraus, o cocheiro se apressou a abrir a porta do veículo. A energia do velho Harold sempre divertia Andrew, por considerá-la imprópria em um homem que devia beirar os sessenta anos, mas era evidente que o cocheiro se mantinha em forma.

— Para Miller's Court — ordenou o jovem.

Harold se surpreendeu com a ordem.

— Mas, senhor, foi lá que...

— Algum problema, Harold? — interrompeu Andrew.

O cocheiro olhou-o durante alguns segundos com a boca ridiculamente aberta, antes de replicar:

— Não, senhor, nenhum.

Andrew assentiu, dando por concluída a conversa. Subiu na carruagem e se acomodou no assento de veludo vermelho. Ao ver o próprio rosto refletido no vidro da porta, deixou escapar um suspiro melancólico. Aquele semblante macilento era seu? Parecia o rosto de alguém cuja vida foi se esvaindo discretamente, como lâ escapando pelo buraco de um traveseiro, o que de certo modo era verdade. Continuava proporcional e belo como tivera o privilégio de nascer, mas agora lhe parecia uma casca de ovo vazia, uma coisa vaga esculpida num monte de cinza. Aparentemente, o sofrimento que turvava sua alma também causara estragos no exterior, pois mal conseguia se reconhecer naquele rapaz envelhecido, de pômulos afundados, olhar abatido e barba por fazer que o vidro mostrava. O sofrimento havia interrompido sua floração, transformando-o numa criatura murcha, sombria. Felizmente, depois que Harold, recuperado da surpresa, se encarapitou na boleia, o balanço da carruagem fez com que Andrew se distraísse daquele rosto que parecia pintado com aquarela na vasta tela da noite. O último ato da desastrosa peça de sua vida estava para começar, e ele precisava ficar atento para não perder nenhum detalhe. Ouviu o chicote estalar sobre a cabeça e, acariciando o volume frio que agora habitava seu bolso, entregou-se ao embalo do suave sacolejo do veículo.

A carruagem deixou a mansão e entrou pela Knightsbridge, contornando o exuberante Hyde Park. Em pouco menos de meia hora estariam em East End, calculou Andrew, enquanto observava a metrópole pela janela. Esse percurso o fascinava e o perturbava em partes iguais, pois lhe mostrava, de uma só vez, todos os rostos de sua amada Londres, a maior urbe do mundo, cabeça visível de um faminto Kraken cujos tentáculos abarcavam quase um quinto das terras do planeta, asfixiando em seu abraço o Canadá, a Índia, a Austrália e grande parte da África. À medida que a carruagem seguia para o oeste, a saudável e quase selvagem atmosfera de Kensington deu lugar à multitudinária paisagem urbana que se estendia até Piccadilly Circus, aquela pracinha apunhalada em pleno coração pela estátua do deus Anteros, o vingador do amor não correspondido; depois, uma vez percorrida a Fleet Street, começaram a se avistar as casinhas de classe média que pareciam circundar a catedral de St. Paul's, até que, finalmente, ultrapassado o Banco da Inglaterra e Cornhill Street, a pobreza se derramou sobre o mundo, uma pobreza que seus vizinhos do West End só conheciam pelas tiras satíricas da revista *Punch*, e que parecia contagiar o

próprio ar, transformando-o numa substância desagradável de respirar pelo cheiro fétido que vinha do Tâmsa.

Fazia oito anos que Andrew não percorria esse caminho, mas vivera todo esse tempo com a certeza de que mais cedo ou mais tarde voltaria a fazê-lo, e seria a última vez. Não é de estranhar, portanto, que à medida que se aproximava de Aldgate, o porto de acesso a Whitechapel, começasse a ser invadido por um ligeiro desânimo. Ao entrar no bairro, aproximou-se cautelosamente da janela, sentindo o mesmo pudor que tivera no passado. Nunca conseguiu evitar uma incômoda vergonha ao se ver bisbilhotando um mundo alheio com o frio interesse de quem estuda os insetos, mas com o tempo sua repulsa se transformou numa inevitável piedade pelas almas que habitavam aquele esgoto em que a cidade jogava seus dejetos humanos. E, como constatou, era uma piedade que ainda podia sentir, já que o distrito mais pobre de Londres não parecia ter mudado muito nos últimos oito anos. A miséria sempre de mãos dadas com a riqueza, pensou Andrew enquanto atravessava as ruas lúgubres e agitadas, cheias de bancas e carroças, pelas quais formigava uma multidão de criaturas de dar dó, que levavam suas vidas sob a sombra sinistra da Christ Church. A princípio se surpreendeu ao descobrir que por trás dos ouropéis de uma Londres resplandecente pudesse se ocultar aquela embaixada do inferno, na qual a raça se degradava até a monstruosidade com a bênção da Rainha, mas os anos transcorridos tinham tragado sua ingenuidade. Agora já não se espantava ao constatar que, enquanto o perfil de Londres mudava com os avanços da ciência, enquanto os cidadãos dos bairros ricos se divertiam gravando os latidos de seus cães no disco de papelão parafinado dos fonógrafos ou falando por telefones iluminados com lâmpadas elétricas Robertson, enquanto suas esposas traziam os filhos ao mundo entre as névoas do clorofórmio, Whitechapel se mantinha alheio a tudo isso, impermeável com sua couraça de podridão, afogado em sua própria miséria. E uma olhada ao redor lhe bastou para confirmar que entrar ali continuava sendo como meter a mão num vespeiro. Ali, a pobreza mostrava sua face mais abjeta. Ali sempre soava a mesma melodia doentia e tenebrosa. Observou várias brigas nas tabernas, ouviu gritos vindos das profundezas dos becos, avistou alguns bêbados jogados no chão, com bandos de crianças em volta aliviando-os do peso de seus sapatos, e cruzou a vista com homens de aspecto hostil parados nas esquinas, reizinhos daquele império paralelo de vício e delinquência.

Atraídas pelo luxo de sua carruagem, algumas prostitutas lhe gritaram ofertas lascivas, levantando as saias e puxando o decote. Andrew sentiu que seu coração

se encolhia diante daquele triste espetáculo de circo. Eram, na maioria, mulheres sujas e desleixadas, cujos corpos refletiam a afluência de clientes de que padeciam diariamente. Nem mesmo as mais jovens e bonitas podiam se livrar da desolação que a miséria do bairro impunha. E se mortificou de novo pensando que poderia ter salvado uma daquelas condenadas, oferecido a ela um destino melhor que aquele que o Criador lhe dera, mas não o fez. Sua tristeza aumentou quando a carruagem passou junto ao Ten Bells, e depois avançou, entoando uma melodia de rangidos, pela Crispin Street até a Dorset Street, passando pela frente do *pub* Britannia, em que tinha falado pela primeira vez com Marie. Aquela rua era o fim do trajeto. Harold parou a carruagem diante do arco de pedra que servia de entrada aos apartamentos de Miller's Court e desceu da boleia para abrir a porta. Andrew desceu do veículo com uma sensação de vertigem e olhou em volta com as pernas trêmulas. Tudo estava como lembrava, até a loja com janelas imundas que McCarthy, o dono dos apartamentos, mantinha ao lado da entrada do pátio. Não conseguiu identificar um único detalhe que revelasse que o tempo também passava em Whitechapel, que não evitava aquele distrito como faziam os homens probos e os bispos que visitavam a cidade.

— Pode voltar, Harold — ordenou ao cocheiro, que permanecia em silêncio a seu lado.

— Quando venho buscá-lo, senhor? — perguntou o ancião.

Andrew olhou para ele sem saber o que responder. Buscá-lo? Sentiu vontade de dar uma gargalhada tétrica. O único veículo que viria buscá-lo seria o do necrotério de Golden Lane, o mesmo que oito anos antes havia levado daquele mesmo lugar o corpo de sua amada Marie.

— Esqueça que me trouxe aqui — respondeu.

A expressão grave que obscureceu o rosto do cocheiro enterneceu Andrew. Será que Harold imaginava o que ele tinha ido fazer ali? Não podia garantir, pois nunca se preocupara em avaliar a inteligência do cocheiro nem de qualquer outro criado, atribuindo-lhes, quando muito, a astúcia elementar daqueles que precisam nadar desde pequenos contra a corrente em que ele navegava tão placidamente. Agora, porém, teve a impressão de vislumbrar na atitude do velho Harold uma inquietação que só podia ter sido provocada por alguma dedução assombrosamente precisa de seus objetivos. Mas a capacidade de análise de Harold não foi a única descoberta que Andrew fez nos breves segundos em que seus olhares permaneceram inusitadamente entrelaçados. Andrew também tomou consciência de algo que jamais tinha imaginado: o

carinho que um criado podia sentir por seu amo. Embora ele só conseguisse vê-los como sombras que iam e vinham pelos quartos com objetivos misteriosos, nas quais só reparava quando precisava deixar o copo numa bandeja ou ter alguém que lhe acendesse a lareira, aqueles fantasmas podiam se preocupar com o destino de seus senhores, e de fato o faziam. Para Andrew, toda aquela gente sem rosto — as arrumadeiras que eram despedidas pela mãe por qualquer bobagem, as cozinheiras que sistematicamente ficavam grávidas dos rapazes das cavaliças como se em obediência a algum rito ancestral, os mordomos que partiam com primorosas cartas de recomendação rumo a outras mansões idênticas à dele — fazia parte de uma paisagem mutante em que nunca se dera o trabalho de reparar.

— Certo, senhor — murmurou Harold.

E Andrew entendeu que com essas palavras o cocheiro estava se despedindo dele para sempre, que essa era a única maneira que o ancião encontrara de lhe dizer adeus, já que abraçá-lo constituía um risco que ele não parecia disposto a assumir. E, com o coração estremecido, Andrew observou aquele homem corpulento e decidido, cuja idade era quase o triplo da sua e a quem teria de ceder o papel de senhor caso os dois naufragassem numa ilha deserta, subir na boleia, aticar os cavalos e desaparecer na névoa que começava a se espalhar pelas ruas de Londres como uma espuma suja, deixando um rumor de cascos que se foi dissolvendo na distância. Considerou curioso que tivesse sido o cocheiro a única pessoa de quem se despedira antes de suicidar-se, não os pais ou o primo Charles, mas a vida tinha desses caprichos.

E Harold Barker pensava o mesmo enquanto fustigava os cavalos pela Dorset Street, procurando a saída daquele bairro maldito em que a vida não valia mais que três *pennies*. Ele podia ter sido mais um na horda de infelizes que sobreviviam naquele pedaço gangrenado de Londres, não fosse o empenho de seu pai em tirá-lo da miséria e empregá-lo como cocheiro desde o momento em que pôde subir numa boleia. Sim, foi aquele velho bêbado e grosseiro que o iniciou no carrossel de empregos que havia desembocado nas cavaliças do ilustre William Harrington, a serviço de quem passara a metade da vida. Mas haviam sido anos tranquilos, tinha de reconhecer, e de fato reconhecia ao fazer um balanço de sua vida, no começo da madrugada, com os patrões já dormindo e ele livre de tarefas, anos tranquilos em que teve esposa e trouxe ao mundo dois meninos saudáveis e fortes, um dos quais fora contratado

como jardineiro pelo próprio senhor Harrington. A sorte de ter podido construir um destino diferente agora lhe permitia observar aquelas almas desventuradas com certa distância e compaixão. Harold tivera de ir a Whitechapel com mais frequência do que desejava para transportar seu amo naquele espantoso outono de oito anos antes, em que até o céu às vezes parecia sangrar. O que aconteceu naquele emaranhado de ruas esquecidas por Deus ele tinha lido nos jornais, mas, sobretudo, vira refletido nos olhos de seu amo. Agora sabia que o jovem Harrington não tinha superado, que aquelas expedições amalucadas a tabernas e prostíbulos a que os dois foram arrastados pelo primo Charles, embora o obrigassem a ficar na carruagem com os ossos congelando, não serviram para nada, não conseguiram tirar o terror de seus olhos. E naquela noite parecia disposto a baixar as armas, a se render diante de um inimigo que se mostrou invencível. Por acaso o volume em seu bolso não parecia uma arma? Mas o que podia fazer? Devia voltar e tentar impedir? Será que um criado pode alterar o destino de seu amo? Balançou a cabeça. Talvez estivesse exagerando, pensou, e o jovem só quisesse passar a noite naquele quarto cheio de fantasmas, mais seguro com uma arma no bolso.

Deixou suas angustiadas reflexões quando viu uma carruagem familiar surgindo na neblina e se aproximando na direção contrária. Era o veículo da família Winslow, e se sua vista não o enganava, a figura que distinguiu acomodada na boleia devia ser Edward Rush, um dos cocheiros, que por sua vez também pareceu reconhecê-lo, a julgar pela maneira como diminuiu a marcha. Harold cumprimentou o colega com uma silenciosa inclinação de cabeça, antes de dirigir os olhos para o ocupante da carruagem. Durante um instante, ele e o jovem Charles Winslow se entreolharam com gravidade. Não disseram nada, não era necessário.

— Mais rápido, Edward — ordenou Charles Winslow ao cocheiro, dando duas pancadinhas com o punho da bengala no teto da carruagem.

E Harold viu com alívio que a carruagem voltava a desaparecer na névoa, em direção aos apartamentos de Miller's Court. Já não era necessária sua intervenção. Só esperava que o jovem Winslow chegasse a tempo. Gostaria de ficar para ver como aquilo terminava, mas tinha uma ordem a cumprir, por mais que lhe parecesse uma ordem dada por um morto, de modo que fustigou os cavalos outra vez e procurou a saída daquele bairro maldito em que a vida, e lamento ter de repetir, mas foi o que Harold pensou novamente, não valia mais que três *pennies*. Deve-se reconhecer que é uma frase que resume muito

acertadamente a idiosincrasia do bairro, e talvez não possamos esperar uma apreciação mais complexa de um cocheiro. Mas o cocheiro Barker, apesar de ter uma vida digna de ser contada, como todas as vidas, basta olhar com um pouquinho de atenção, não é um personagem relevante para esta história. Talvez outros decidam relatá-la, e provavelmente encontrem material farto para dar-lhe a emoção que toda narrativa requer — penso no momento em que conheceu Rebecca, a esposa, ou no episódio decididamente delirante do furão e do ancinho —, mas não é este o nosso objetivo no momento.

Deixemos pois Harold de lado, e nem mesmo me atrevo a dizer se ele voltará a aparecer em algum ponto desta história, porque são muitos os personagens que transitarão por ela e não se pode ficar com todo mundo, e voltemos a Andrew, que neste momento atravessa o arco de entrada dos apartamentos Miller's Court e avança por um caminho de pedra todo enlameado, tentando localizar o quatinho número 13 enquanto tateia no bolso da casaca em busca da chave. Quando, após passar alguns segundos rondando na escuridão, encontra o quarto, para diante da porta com uma atitude que, para alguém que estivesse espiando das janelas próximas, pareceria uma reverência absurda. Mas para Andrew aquele quarto era muito mais que uma toca miserável em que ia se esconder quem não tinha onde cair morto. Não voltava lá desde a fatídica noite, mas o preservou intacto com seu dinheiro, mantendo-o tal como estava em sua mente. Em todos os meses dos últimos oito anos mandara um criado pagar o aluguel do quatinho, para que ninguém pudesse habitá-lo, porque, se decidisse voltar algum dia, não queria encontrar rastros que não fossem de Marie. Os *pennies* do aluguel significavam uma ninharia para ele, e o senhor McCarthy se mostrou encantado com o fato de que um cavalheiro endinheirado, e evidentemente pervertido, tivesse o capricho de alugar indefinidamente aquele buraco, porque depois do que acontecera entre suas quatro paredes duvidava que alguém tivesse estômago para se atrever a dormir ali. Andrew agora percebia que, no fundo, sempre soube que voltaria, que a cerimônia que ia realizar não poderia ser feita em nenhum outro lugar.

Abriu a porta e passou um olhar melancólico pelo aposento. Era um quatinho mínimo, mais sofisticado apenas que uma lixeira, com as paredes descascadas, um punhado de móveis tristes, entre os quais uma cama desconjuntada, um espelho enegrecido, um modesto baú de madeira, uma lareira com as paredes em ruínas e duas cadeiras que pareciam capazes de desabar se alguma mosca pousasse nelas. Voltou a surpreender-se com a possibilidade de que al-

guém pudesse viver ali. Mas por acaso não tinha sido mais feliz ali do que entre as luxuosas paredes da mansão Harrington? Se, como havia lido em algum lugar, o paraíso se localiza num ponto diferente para cada pessoa, o seu se encontrava certamente ali, para onde fora levado por um mapa que não era feito de rios e vales, mas de beijos e carícias.

E foi justamente uma carícia, mas de gelo na base da nuca, que o fez notar que ninguém se incomodara em consertar a janela quebrada que ficava à esquerda da porta. Para quê? McCarthy parecia pertencer a esse tipo de indivíduos que aderem à máxima de não trabalhar mais do que o necessário, e se o acusasse de não ter colocado o vidro ainda podia usar como desculpa seu desejo de deixar tudo como estava, um pedido que considerara extensivo à janela. Andrew suspirou. Não havia nada à mão com que tapar o buraco, de maneira que decidiu se matar de casaco e chapéu. Sentou-se numa das cadeiras, tirou o embrulho do bolso e desamarrou lentamente o pano, como se estivesse celebrando uma liturgia. O Colt resplandeceu ao receber o brilho da lua que se infiltrava com dificuldade pela janela imunda.

Acariciou a arma como se fosse um gato aconchegado em seu colo, enquanto se deixava embargar de novo pelo sorriso de Marie. Andrew continuava se surpreendendo ao verificar que suas lembranças conservavam o mesmo viço de rosas frescas dos primeiros dias. Recordava tudo de uma maneira extraordinariamente vívida, como se entre eles não houvesse um abismo de oito anos, e às vezes achava aquelas memórias até mais bonitas que os fatos verdadeiros. Que estranha alquimia fazia essas cópias parecerem mais extraordinárias que o original? A resposta era óbvia: a passagem do tempo, que transformava o borbulhar do presente em um quadro terminado e inalterável chamado passado, uma tela que o homem sempre pinta às cegas, com pinceladas erráticas que só adquirem sentido ao afastar-se dela o suficiente para admirá-la em seu conjunto.